

Não se pode aceitar uma brincadeirinha de última hora

Emerson Kapaz

Não, não é uma brincadeira, já está tudo preparado. Seu sucesso estrondoso nos Estados Unidos e agora no Brasil faz parte de um maquiavélico plano para lançá-lo como candidato a presidente da República Federativa do Brasil e com certeza absoluta de vitória nas últimas semanas de campanha. E é preciso considerar que de partida ele leva sérias vantagens sobre os seus "heróis" concorrentes. Por exemplo (1) já vem mascarado, não tendo assim a necessidade de disfarçar, as olheiras, as rugas, o sorriso amarelo etc.; (2) tem sempre um curinga na mão em caso de situações de pressão; (3) com a arrecadação que vem conseguindo antes do lançamento de sua candidatura, não irá necessitar de apoio dos empresários; (4) tem no seu passado a fama de justiceiro implacável, acabando com todos os "marajás" do crime.

Ou seja, o candidato perfeito, com todas as qualidades necessárias. Resta-lhe somente um partido, e todo o esquema estará completo. Mas quem, a esta altura do processo eleitoral, renunciaria em favor desse candidato "dark"! Eneas, claro, o candidato do Prona. Basta que ele ensine o novato a dizer — Meu nome é Batman!

Brincadeiras à parte, qualquer semelhança dessa alegoria carnavalesca com o que alguns senhores do poder têm tentado brindar-nos, nesta que é a primeira eleição democrática direta para presidente dos últimos vinte anos, é a mais pura coincidência. Será que somos todos tão tolos ou marionetáveis a ponto de assistirmos impassíveis a todas as articulações de bastidores que vêm sendo feitas nos últimos meses, com propósitos mirabolantes de destruir o candidato A, para depois subir o candidato B, lan-



çando em seguida o candidato C. Que país é esse, que depois de tantos anos de luta para alcançar um momento mágico, como este 15 de novembro do qual nos estamos aproximando, resolve usar as mais mesquinhas artimanhas, quer para mudar a cédula que ia ser impressa colocando fotografia, tirando nome ou colocando número, quer agora tentando enfiar goela abaixo de todos nós "meus eleitores", o baú da infelicidade, que nem nome na cédula já impressa tem?

Será que os eleitores continuarão aceitando essas brincadeirinhas de última hora, ou será que o País irá finalmente amadurecer e caminhar com a seriedade que o momento reclama? Estamos atravessando um período muito rico de nossas vidas e da vida deste imenso país, dando talvez os primeiros passos de uma longa caminhada que poderá traduzir-se, se não para nós, para as próximas gerações, na edificação de uma sociedade mais justa e de um país mais digno de se viver.

E preciso que a elite pensante deste país, que durante muitos anos reteve em suas mãos o poder de decisão sem saber muito bem o que fazer com ele, tenha suficiente desprendimento para avaliar com precisão a gravidade do momento que estamos enfrentando. Já não é mais hora de jogadas de bastidores. As regras já foram estabelecidas e na próxima semana o poder de decisão estará nas mãos da maioria. Aqueles que estão achando os prováveis ganhadores não muito satisfatórios, ameaçando com novos candidatos ou frases de efeito que mais perturbam o jogo do que contribuem para aprimorá-lo, deveriam aproveitar a oportunidade para deixar o País, só que antes das eleições.

Emerson Kapaz é presidente do Sindicato das Indústrias de Instrumentos Musicais e de Brinquedos do Estado de São Paulo (SIMB) e coordenador do PNBE.